

VACINA HPV: PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ATENDIDOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO AMAPÁ

Maria Nelice Marques Cruz¹, Nely Dayse Santos da Mata¹, Camila Rodrigues Barbosa Nemer¹, Victor Hugo Oliveira Brito¹, Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini¹

Objetivo: analisar a percepção dos adolescentes sobre a vacina HPV. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, realizada no período de dezembro de 2017 a julho de 2018, em uma Unidade Básica de Saúde do município de Macapá, Estado do Amapá. Participaram do estudo adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 14 anos. Para coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo categorial temática. **Resultados:** emergiram três categorias de análise: categoria 1 - Vacina HPV: falta de informação e destaque da dor; categoria 2 - O saber dos adolescentes sobre câncer de colo uterino e categoria 3 - Adequação do conhecimento acerca dos benefícios da vacina e a influência da escola e a enfermagem. **Conclusões:** os adolescentes recebem muitas informações distorcidas, equivocadas e incompletas e isso pode ser um dos fatores que comprometem a adesão à vacina.

Descritores: Vacinas; Adolescente; Papillomaviridae; Enfermagem.

HPV VACCINE: PERCEPTION OF ADOLESCENTS SERVED IN A BASIC HEALTH UNIT OF AMAPÁ

Objective: to analyze the adolescents perception about the HPV vaccine. **Methodology:** this is a descriptive research with a qualitative approach, from december 2017 to july 2018, carried out in a Basic Health Unit of the municipality of Macapá, state of Amapá. Adolescents of both sexes, in the age group of 12 to 14 years old, participated in the study. For data collection, the semi-structured interview was used, and the data were analyzed through the analysis of thematic categorical content. **Results:** three categories of analysis emerged: category 1 - HPV vaccine: lack of information and prominence of pain; category 2 - The knowledge of adolescents about cervical cancer; and category 3 - Adequacy of knowledge about vaccine benefits and the influence of school and nursing. **Conclusions:** adolescents receive a lot of distorted, misleading, and incomplete information and this may be one of the factors that compromise vaccine adherence.

Descriptors: Vaccines; Adolescent; Papillomaviridae Nursing.

VACUNA HPV: PERCEPCIÓN DE LOS ADOLESCENTES ATENDIDOS EN UNA UNIDAD BÁSICA DE SALUD DEL AMAPÁ

Objetivo: analizar la percepción de los adolescentes sobre la vacuna del VPH. **Metodología:** se trata de una investigación descriptiva con abordaje cualitativo, de diciembre de 2017 a julio de 2018, realizada en una Unidad Básica de Salud del municipio de Macapá, estado de Amapá. Participaron del estudio, adolescentes de ambos sexos, en el grupo de edad de 12 a 14 años. Para la recolección de datos se utilizó la entrevista semiestruturada, y los datos fueron analizados por medio del análisis de contenido categorial temático. **Resultados:** surgieron tres categorías de análisis: categoría 1 - Vacuna HPV: falta de información y destaque del dolor; categoría 2 - El saber de los adolescentes sobre cáncer de cuello uterino; y categoría 3 - Adecuación del conocimiento sobre los beneficios de la vacuna y la influencia de la escuela y la enfermería. **Conclusiones:** los adolescentes reciben muchas informaciones distorsionadas, equivocadas, e incompletas y esto puede ser uno de los factores que comprometen la adhesión a la vacuna.

Descritores: Vacunas; Adolescente; Papillomaviridae; Enfermería.

¹ Universidade Federal do Amapá, UFAP.

Autora correspondente: Camila Rodrigues Barbosa Nemer. E-mail: camilarodriguesb08@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A vacina contra o Papiloma Vírus Humano (HPV) previne um dos cânceres mais letais e frequentes no Brasil, por isso a vacinação contra esse vírus tornou-se ação de saúde pública importante para a prevenção do câncer de colo uterino. A primeira campanha de vacinação nacional foi realizada em 2014 e buscou mobilizar o público feminino adolescente para a imunização⁽¹⁾.

Em 2017, o Ministério da Saúde (MS), visando aumentar a cobertura da vacina, ampliou a vacinação aos adolescentes do sexo masculino; buscou a redução da transmissão do vírus para as mulheres⁽²⁾ e proteção dos homens, pois existe a associação entre a infecção no homem pelo HPV e o câncer de pênis da ordem de 30,3%, principalmente do HPV tipo 16⁽³⁾.

A vacina atualmente é aplicada em meninas e adolescentes entre 9 e 14 anos de idade (14 anos, 11 meses e 29 dias), meninos e adolescentes entre 11 e 14 anos de idade (14 anos, 11 meses e 29 dias) e para grupos com condições clínicas especiais⁽²⁾.

Estima-se que no Brasil o câncer de colo uterino (CCU) seja a terceira neoplasia maligna mais comum, e a quarta causa de morte por câncer na população feminina. Entre os diversos tipos de cânceres, é o que apresenta um dos mais altos potenciais de prevenção e cura, chegando perto de 100% quando diagnosticado precocemente e pode ser tratado em nível ambulatorial em cerca de 80% dos casos⁽⁴⁾.

A literatura confirma que o câncer uterino está associado ao HPV, que é considerado a Infecção Sexualmente Transmissível (IST) com maior prevalência em todo o mundo. Até o ano de 2013, os esforços do MS para controlar o CCU concentraram-se, exclusivamente, no rastreamento da população feminina sexualmente ativa (25 a 64 anos) por meio do exame Papanicolau. No entanto, com a inclusão da vacina HPV como medida preventiva, o quadro suscita e sobre quais informações subjacentes às práticas de prevenção estão presentes indagações sobre a importância da infecção pelo HPV no universo daqueles que estão na fase inicial da vida sexual⁽⁵⁾.

Mesmo sendo eficaz para todos, a vacina oferecida pelo MS na rede pública tem como objetivo proteger crianças e adolescentes antes do início da vida sexual, antes de serem expostos ao vírus. Para pessoas sexualmente ativas, a efetividade é menor. Quanto mais precoce for a vacinação maiores serão os benefícios para meninas e meninos⁽⁶⁾.

Autores demonstram problemas quanto à adesão dos pacientes à vacina contra o HPV e, portanto, o sucesso dessa medida de imunização esbarra em alguns fatores, tais como: o conhecimento sobre as implicações clínicas da infecção crônica do HPV, barreiras culturais na relação com as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), cobertura da rede de saúde, distribuição da vacina e armazenagem,

aceitabilidade e mudanças dos hábitos sexuais ou preventivos para outras ISTs (preocupação destacada pelos pais quando da autorização da vacinação para seus filhos)⁽⁷⁾.

Reforça-se a necessidade de intervenções educativas para a população, com intuito de prover informação adequada sobre o HPV, medidas de prevenção e sobre a vacina. Isso significa não apenas selecionar e transmitir informações cientificamente corretas, mas fazê-lo de acordo com a capacidade de compreensão dos diferentes estratos sociais para acessarem e processarem tais informações⁽⁸⁾. Este estudo destaca que a vacinação, portanto, é essencial e um avanço para prevenção do HPV e conseqüentemente do câncer de colo de útero, porém, sem o devido conhecimento, a adesão à vacinação é comprometida, e informações distorcidas a respeito são propagadas. Assim, o objetivo do estudo foi analisar a percepção dos adolescentes sobre a vacina HPV.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa de campo de cunho descritivo com abordagem qualitativa.

Local

Realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada em Macapá, no Estado do Amapá, no período de dezembro de 2017 a julho de 2018.

Participantes da pesquisa

Os participantes foram 12 adolescentes. Critérios de inclusão: ambos os sexos, faixa etária de 12 a 14 anos, que frequentavam a UBS e que já haviam tomado pelo menos uma dose da vacina. Critério de exclusão: adolescentes desacompanhados dos responsáveis legais.

Coleta de dados

Os adolescentes foram abordados na presença de seus responsáveis, no momento em que iam tomar a vacina, ou que foram em busca de outro tipo de atendimento. Primeiramente os responsáveis foram informados sobre a pesquisa e consultados se permitiam que seus filhos participassem. Após concordância, foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O número de participantes não foi previamente definido, tendo sido encerrada a obtenção dos depoimentos quando as inquietações e os objetivos do estudo foram respondidos. Com o intuito de preservar a identidade e privacidade dos participantes, os mesmos foram identificados no texto pela sigla "Ad", seguida dos números cardinais. Por exemplo: Ad1, Ad2, etc.

Para coleta de dados, utilizou-se entrevista semiestruturada (gravada mediante autorização), que combinou perguntas fechadas sobre os dados sociodemográficos para fins de caracterização dos participantes e abertas. As questões norteadoras, aplicadas aos adolescentes após os atendimentos que buscavam na UBS, foram: Relate o que você conhece sobre a vacina contra o vírus HPV. Comente o que você sabe sobre câncer de colo uterino. Como você teve acesso a informações sobre a vacina do HPV e seus benefícios?

Procedimentos de análise

As entrevistas foram transcritas na íntegra e foi feita análise de conteúdo categorial temática de Bardin ⁽⁹⁾ com as seguintes fases: transcrição literal das respostas; organização do material coletado e leitura “flutuante” para despertar e identificar as unidades de registros; codificação dos dados obtidos, transformando os dados brutos através de agregações (escolha das categorias) para atingir uma representação do conteúdo ou de sua expressão e distribuição dos componentes dos dados analisados em categorias, classificando-os por diferenciação e por reagrupamentos em torno de critérios previamente estabelecidos ⁽⁹⁾.

Procedimentos éticos

A pesquisa obedece à Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá - CAAE: 80050717.6.0000.0003, onde foi aceita sob o parecer nº 2.451.785/2017. Os responsáveis assinaram o TCLE e os adolescentes, o Termo de Assentimento.

RESULTADOS

Foram entrevistados 12 adolescentes, na faixa etária entre 12 e 14 anos, sendo a maioria do sexo feminino e predominantemente da cor parda. Por meio da análise do conteúdo das entrevistas, emergiram três categorias de análise:

Categoria 1 – Vacina HPV: falta de informação e destaque da dor

Essa categoria aborda o conhecimento sobre a vacina, quais as patologias que previne e as reações relacionadas. Foi demonstrado escassez de conhecimento e houve relato de dor pelos adolescentes, como mostram os depoimentos a seguir: “[...] Eu sei que a vacina do HPV, ela serve pra prevenir o câncer do colo do útero e pode prevenir para mulher e pra menina pra ter uma vida saudável [...]” (Ad1); “[...] Só sei que previne algumas doenças... Falaram que era pra prevenir... Me falaram, mas eu esqueci (risos) [...]” (Ad3); “[...] Só falaram que eu tinha que tomar a vacina HPV... Eu fiquei com os dois braços doloridos [...]” (Ad9); “[...] Pra se

prevenir, é da aids! É, eu acho! Eu senti, o meu braço tipo uma dor [...]” (Ad7).

Categoria 2 – O saber dos adolescentes sobre câncer de colo uterino

Esta categoria revela que o entendimento sobre a importância da infecção pelo HPV e os riscos de desenvolvimento de lesões pré-malignas e malignas nessa população também é deficiente: “[...] O câncer do colo uterino... É um tumor... Que é muito grave e é isso, eu sei que pode interferir na vida da mulher [...]” (Ad1); “[...] Não sei nada! Bom, eu sei que tem o câncer de pele, o de pulmão e a gente está estudando sobre DST, HPV, aids e sífilis [...]” (Ad2); “[...] Eu não sei nada sobre isso daí, câncer de útero... Na escola, a professora fala um pouco, mas eu não presto atenção, porque é um assunto chato [...]” (Ad4); “[...] Eu só sei sobre o câncer de mama, de fígado e de pulmão, porque um parente meu morreu com essa doença [...]” (Ad6).

Categoria 3 – Adequação do conhecimento acerca dos benefícios da vacina e a influência da escola e enfermagem

Essa categoria revela a importância das escolas e serviços de saúde para a educação em saúde de adolescentes. Quando questionados sobre como tiveram acesso a informações sobre os benefícios da vacina HPV, os adolescentes relataram: “[...] Através das palestras na escola... Quando fui tomar a vacina, uma enfermeira me explicou... sobre o que causa o câncer e a importância de tomar vacina [...]” (Ad1); “[...] Através da escola, a professora mandou a gente fazer um portfólio sobre as DSTs, e tinha uma parte que tinha que falar sobre a vacina [...]” (Ad2); “[...] Foi na escola... As enfermeiras do posto foram pra lá [...]” (Ad8).

DISCUSSÃO

A vacina contra o HPV é uma inovação tecnológica para a saúde pública brasileira, já que a prevenção antes era oferecida apenas por laboratórios privados. Ao longo dos anos, passou-se a ter acesso ao imunobiológico gratuitamente na rede do Sistema Único de Saúde (SUS) para crianças e adolescentes de uma determinada faixa etária. Apesar de ser uma inovação na rede pública, a vacina já era oferecida na rede privada, mas somente quem possuía poder aquisitivo e um nível de saber mais elevado tinha conhecimento sobre os benefícios da vacina e usufruía a mesma ⁽¹⁰⁾.

No início da adolescência, ocorre o aparecimento inicial das características sexuais secundárias para a maturidade sexual, pelo desenvolvimento de novos processos psicológicos, e, nessa transição, o indivíduo necessita de muitas informações e orientações ⁽¹¹⁾.

A vacina é segura e bem tolerada, mas, como toda vacina, pode apresentar eventos adversos, como dor, edema e eritema de intensidade moderada no local de aplicação e, ainda, manifestações sistêmicas, como: cefaleia, febre de 38°C e síncope⁽²⁾. Na síncope, geralmente, há um estímulo desencadeante, como dor intensa, expectativa de dor ou choque emocional súbito, podendo ser desencadeada por vários fatores, como jejum prolongado, medo da injeção, ambientes muito quentes ou superlotados, permanência de pé por longo tempo⁽²⁾.

Sendo assim, o que se inferiu das respostas desses adolescentes foram informações dispersas, uma vez que têm conhecimento de que a vacina previne doença, mas desconhecem qual é a doença. Diante disso, percebe-se a importância de um suporte de informações de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo deles, ou seja, faz-se necessária uma abordagem de socialização sobre as informações no nível de compreensão dos adolescentes. Por conseguinte, quando foram perguntados sobre reações adversas, a maioria referiu que sentiu dor no braço.

Em outro estudo, os alunos, em sua maioria, já ouviram falar sobre o HPV, mas têm um conhecimento limitado a respeito de questões específicas relacionadas com a transmissão, com o desenvolvimento de doenças associadas ao HPV e, de forma correspondente, com os modos de prevenção. Ainda com relação a esse estudo, ressalta-se a afirmação equivocada de que a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) e a Sífilis podem ser causadas pelo vírus. Outro fator interessante é que, no imaginário dos participantes do referido estudo, o HPV acomete mais as mulheres do que os homens, ou ainda, que as complicações são mais graves entre elas⁽¹²⁾.

As informações equivocadas também estão presentes nesta pesquisa, pois se obteve como resposta que a vacina contra o HPV previne a Aids. Apesar de toda a divulgação, o HPV ainda é uma doença desconhecida, tornando-se motivo de preocupação para gestores e profissionais da saúde, assim como para a população. Mesmo em pessoas de mais idade, foi identificado o baixo conhecimento sobre a doença e a falta de informação adequada sobre seus sinais, prevenção e tratamento⁽¹³⁾.

Faz-se necessário refletir sobre a dificuldade de acesso do adolescente às informações, as quais podem ser provenientes da família, da escola, dos meios de comunicação, dos profissionais de saúde, em atendimentos individualizados e atividades em grupo. O adolescente precisa receber as informações de forma adequada à sua capacidade de entendimento para conseguir transformá-las em práticas que o protejam⁽¹⁴⁾.

Vale ressaltar que a compreensão sobre a gravidade da infecção por HPV é baixa nesse grupo. O HPV é muito

frequente entre os adolescentes, uma vez que as relações sexuais nessa população acontecem com um grande número de parceiros e muitas vezes sem preservativo, o que contribui para o aumento da ocorrência da infecção. Na maioria dos casos, a infecção se manifesta na forma latente e não existe desenvolvimento de lesões, o que dificulta o diagnóstico, tornando-se um problema de saúde pública⁽¹⁵⁾.

No Brasil, o câncer do colo de útero é a terceira neoplasia maligna que mais acomete as mulheres, apenas superado pelos cânceres de pele não melanoma e da mama. Esse tema se insere no âmbito da saúde da mulher, considerando-se estratégias para ações prioritárias no SUS, no nível da Atenção Primária. No entanto, nesse cenário de magnitude, há de se destacar a lenta evolução das lesões cervicais iniciais, de cerca de 20 anos até a fase invasora, fato que, por si só, ressalta os benefícios das ações preventivas para alterar o curso dessa doença silenciosa⁽¹⁶⁾.

Outro motivo que reforça a vacinação é que estimativas mostram que a taxa de cobertura de rastreamento do câncer do colo do útero está abaixo do que é estimado pelo MS e há falhas na alimentação no Sistema de Informação do Câncer do Colo do Útero por parte dos profissionais de saúde envolvidos com o preenchimento, o que dificulta o norteamento de políticas públicas⁽¹⁷⁾.

Cerca da metade de todas as mulheres diagnosticadas com câncer do colo do útero tem entre 35 e 55 anos de idade e muito provavelmente foram exposta ao HPV na adolescência⁽¹⁵⁾.

A falta de conhecimento sobre a doença é um dos fatores que levam a não adesão dos adolescentes à vacina, ainda que refiram já terem escutado ou lido sobre outros tipos de cânceres que acometeram familiares ou entre conversas na escola. Destaca-se que alguns adolescentes não conheciam nada sobre a doença, o que pode indicar a falta de esclarecimento dos pais deles também sobre câncer de colo uterino.

É imprescindível compreender o universo do adolescente a partir de suas múltiplas facetas, considerando a influência que os diversos grupos sociais, como a família, a escola, os amigos e a religião, exercem em sua formação. As alterações típicas dessa fase da vida estão associadas às influências do ambiente externo, podendo deixar o adolescente mais vulnerável a várias situações, como: gravidez não planejada, infecções sexualmente transmissíveis, experimentação e vício em drogas, maior exposição à violência, acidentes, entre outros⁽¹⁴⁾.

O Brasil avança em busca de ações de prevenção que possam diminuir a incidência do câncer de colo do útero, recebendo o apoio da Organização Mundial de Saúde. O direcionamento da atenção em saúde permite qualificar o

processo de triagem, aprimorando a identificação de erros que comprometem o processo de investigação da doença, pois o câncer de colo do útero requer conhecimento científico quanto às características do cenário apresentado ⁽¹⁸⁾.

A educação em saúde e a orientação sexual com os jovens adolescentes é vital para realização de prevenção de ISTs e gravidez indesejável, bem como sobre o uso de álcool e outras drogas, sendo que o ambiente escolar é um dos meios mais apropriados para o desenvolvimento dessas atividades e de socialização⁽¹⁹⁾. Logo, é inegável que a escola é uma ferramenta que contribui para a formação de ideias, construção de informações e transformação desses adolescentes, mas outras fontes também são veículos de saberes, como a mídia, o ambiente familiar, as rodas de conversa informais, entre outras.

No entanto, algumas instituições sinalizam um despreparo técnico com a falta de informações recentes sobre essa temática e também de recursos didáticos disponíveis para a realização dessa tarefa. Portanto, ressalta-se a necessidade de programas de educação sexual em parceria com serviços de saúde para os adolescentes, reforçando a prevenção.

Discutir as fragilidades do cenário atual permite refletir sobre alguns aspectos que precisam ser abordados quando o tema é vacina contra o HPV. Por ser uma vacina que protege contra um vírus sexualmente transmissível, alguns pais associam a vacina com estímulo à sexualidade, a qual consideram como precocidade em se tratando de adolescência. Abordar questões sobre sexualidade, início da vida sexual, principalmente no que tange a meninas, e prevenção das ISTs é esbarrar em tabus histórica e culturalmente construídos pela sociedade, sobretudo quando atreladas a questões religiosas sensíveis que se opõem à administração da vacina ⁽¹⁸⁾.

É preciso ponderar, com efeito, que qualquer estratégia relacionada à prevenção de ISTs irá encontrar obstáculos de gênero no que se refere à sexualidade feminina, obstáculos esses que precisam ser pensados e enfrentados a partir de uma educação sexual responsável ⁽¹⁸⁾.

Limitações do estudo

Pode-se citar como limitação deste estudo o fato de ter sido desenvolvido apenas em uma unidade de saúde do município de Macapá, necessitando de estudos semelhantes em nível local, regional e nacional e com mais participantes.

Contribuições do estudo para a prática

A atuação do enfermeiro é fundamental em ações educativas diversas para traçar estratégias de ampliação de conhecimentos ao alcance dos adolescentes e de forma adequada, o que demanda também a expansão dos conhecimentos dos profissionais de saúde, em especial na sua área de domínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os adolescentes do estudo recebem informações distorcidas e incompletas, sendo este um dos fatores que podem comprometer a adesão à vacina. No entanto, é preciso conhecer a percepção desse público e de seus responsáveis e fomentar sua participação na discussão de melhorias nas políticas públicas. Reitera-se que a vacinação deve estar acompanhada do esclarecimento fidedigno das questões relacionadas à promoção da saúde e do desejável entendimento sobre a magnitude que envolve o câncer do colo de útero.

Por fim, esta pesquisa torna-se relevante para a área da saúde, servindo de embasamento para a prevenção do câncer de colo uterino, sem, contudo, que se perca de vista a educação em saúde, pois esta exerce um papel fundamental como ferramenta para o sucesso das campanhas de vacinação em nossa sociedade.

Contribuição dos autores

MNMC – concepção, análise e interpretação dos dados. NDSM – concepção, análise e interpretação dos dados, redação do artigo. CRBN – redação do artigo, revisão crítica e final. VHOB – redação do artigo, revisão final. TSSC – concepção, análise e interpretação dos dados.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Informe técnico sobre vacina contra o papilomavírus humano (HPV) [Internet]. Curitiba: Ministério da Saúde; 2014 [cited 2019 Jan 24]. Available from: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/saude_escola/informe_tecnico_introducao_vacina_hpv.pdf
2. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2018 [cited 2019 Jan 24]. Available from: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/14/Informe-Tecnico-HPV-MENINGITE.pdf>
3. Pedreira PWF, Silva JMC, Monteiro BKSM, Dias JMG. Percepção do homem em relação à infecção por papilomavírus humano – HPV. *Rev Assoc Méd Minas Gerais* [Internet]. 2015 [cited 2019 Jan 24];25(3):322-329. Available from: <http://www.mmg.org/artigo/detalhes/1807>
4. Casarin MR, Piccoli JCE. Educação em saúde para prevenção do câncer de colo do útero em mulheres do município de Santo Ângelo/RS. *Ciênc Saúde Colet* [Internet]. 2011 [cited 2019 Jan 24];16(9):3925-3932. Available from: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2011.v16n9/3925-3932/pt>
5. Navarro C, Fonseca AJ, Sibajev A, Souza CIA, Araújo DS, Teles DAF et al. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2015 [cited 2019 Jan 24];49(17):1-8. Available from: <https://www.redalyc.org/pdf/672/67240213014.pdf>
6. BBC (Brasil). Por que vacinar meninos e meninas contra o HPV? [Internet]. 2016 [cited 2019 Jan 24]. Available from: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37653678>
7. Pereira RGV, Machado JLM, Machado VM, Mutran TJ, Santos LS, Oliveira E et al. A influência do conhecimento na atitude frente à vacina contra o Papilomavírus Humano: ensaio clínico randomizado. *ABCS health sci* [Internet]. 2016 [cited 2019 Jan 24];41(2):78-83. Available from: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/873/738>
8. Osís MJD, Duarte GA, Sousa MH. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2014 [cited 2019 Jan 24];48(1):123-133. Available from: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2014.v48n1/123-133/pt>
9. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2011.
10. Quevedo J, Wiczorkiewicz AM. Implementação da vacina HPV no Brasil: diferenciações entre a comunicação pública oficial e a imprensa midiática. *Comun Mercado* [Internet]. 2014 [cited 2019 Jan 24];04(11):97-111. Available from: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/11/8.pdf>
11. Nascimento MV, Souza I, Deus MSM, Peron A. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. *Semina cienc biol saude* [Internet]. 2013 [cited 2019 Jan 24];34(2):229-238. Available from: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/13396/13921>
12. Costa LA, Goldenberg P. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. *Saúde Soc* [Internet]. 2013 [cited 2019 Jan 24];22(1):249-261. Available from: <https://www.scielosp.org/pdf/sausoc/2013.v22n1/249-261/pt>
13. Pereira KC, Assunção TB, Sousa LKS, Cavalcante MFA. Conhecimento de mulheres em idade fértil sobre o papiloma vírus humano. *Enferm foco (Brasília)* [Internet]. 2011 [cited 2019 Jan 24];2(3):164-166. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/126/0>
14. Ceolin R, Dalegrave D, Argenta C, Zanatta EA. Situações de vulnerabilidade vivenciadas na adolescência: revisão integrativa. *Rev Baiana Saúde Pública* [Internet]. 2015 [cited 2019 Jan 24];39(1):150-163. Available from: <http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/741>
15. Macêdo FLS, Silva ER, Soares LRC, Rosal VMS, Carvalho NAL, Rocha MGL. Infecção pelo HPV na adolescente. *Femina* [Internet]. 2015 [cited 2019 Jan 24];43(4):185-188. Available from: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2015/v43n4/a5312.pdf>
16. Mello CF. Vacinação contra papilomavírus humano. *Einstein (São Paulo)* [Internet]. 2013 [cited 2019 Jan 24];11(4):547-549. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v11n4/27.pdf>
17. Rocha CJ, Linassi C, Micheletti VD, Lora PS. Alterações celulares do HPV e de microflora de pacientes do SUS em São Leopoldo, RS Brasil. *Enferm foco* [Internet]. 2017 [cited 2019 Jan 24];8(4):23-30. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1355>
18. Guedes MCR, São Bento PAS, Telles AC, Queiroz ABA, Xavier RB. Vaccine of the human papillomavirus and cervical cancer: a reflection. *Rev enferm UFPE on line* [Internet]. 2017 [cited 2019 Jan 24];11(1):224-231. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11897/14370>
19. Carneiro RF, Silva NC, Alves TA, Albuquerque DO, Brito DC, Oliveira LL. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *Sanare (Sobral, Online)* [Internet]. 2015 [cited 2019 Jan 24];14(1):104-108. Available from: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617>

RECEBIDO EM: 27/01/2019.
ACEITO EM: 22/04/2019.